



## LETRAMENTO DIGITAL: PRÁTICAS EDUCATIVAS E COLABORATIVAS

Lorena Guimarães Assis<sup>1</sup>; Rossana Delmar de Lima Arcoverde<sup>2</sup>

### RESUMO

Este estudo tem por objetivo refletir sobre o processo de letramento digital de alunos de uma escola da rede pública de ensino de Campina Grande-PB, visando compreender os problemas relacionados a esse processo, bem como buscar subsídios para a idealização de práticas condizentes com a realidade dos educandos. Assim, consiste na análise de situações educativas que possibilitaram práticas letradas digitais da contemporaneidade, em vista das tecnologias disponíveis. Participaram 41 alunos do 2º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual da Prata, dentre esses, 22 do sexo feminino e 19 do sexo masculino, com idade média entre 16 e 21 anos. A análise dos dados revela a constituição de um letramento digital múltiplo e multidimensional, ratificando estudos na área (BUZATO, 2007; ROJO, 2009, COSCARELLI e RIBEIRO, 2007). Assim, constatamos que se trata de um processo que se configura: a) nas práticas letradas digitais, demonstradas pelo que os alunos sabem e o que usam; b) na produção e uso de outras linguagens, caso da produção de *blogs* e *slides*; c) numa rede de outros letramentos que se entrelaçam e, por fim, d) numa oportunidade de formação de valores humanos. Ser letrado digital é ser cidadão/cidadã na contemporaneidade e a escola tem o dever de oferecer essa educação na direção de uma inclusão digital/social.

**Palavras-chave:** letramento digital; práticas educativas; inclusão digital;

## LITERACY DIGITAL: EDUCATIVES AND COLABORATIVES PRACTICES

### ABSTRACT

*This study aims to reflect on the process of digital literacy of students at a public school in Campina Grande – PB. Its objective is to understand problems about this process and seek grants for the idealization of practices consistent with reality of learners. So, is the analysis of educational situations that allowed you type in contemporary practice, in view of available technologies. 41 students attended the 2nd year of high school, Elpidio de Almeida school among these, 22 females and 19 males with average age between 16 and 21 years. The data analysis shows the formation of a digital literacy and multiple multidimensional, confirming studies in the area (BUZATO, 2007; ROJO, 2009, and COSCARELLI RIBEIRO, 2007). Thus, we see that this is a process that sets: a) you type in practice, demonstrated by the students know and using b) the production and use of other languages, if the blog's production, c) a network other literacy that intertwine and finally, d) an opportunity of formation of human values. To be digital literate is to be citizen the contemporary and the school should to offer such education toward inclusion of a digital/social.*

**Keywords:** literacy digital; practices educatives; digital inclusion

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pedagogia, Unidade Acadêmica de Educação, UFCG, Campina Grande, PB, email: lorenaguimaraesufcg@gmail.com

<sup>2</sup> Pedagogia, Professora Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Unidade Acadêmica de Educação, UFCG, Campina Grande, PB, email: rossanaarcoverde@uol.com.br

## INTRODUÇÃO

A possibilidade de utilização da rede digital transcende limites e incrementa potencialmente a organização social e as práticas discursivas da sociedade contemporânea. Na educação, o uso das tecnologias digitais diversifica os modos de ensino e revelam a necessidade de se operar efetivamente uma mudança nas formas de lidar com práticas de escrita e de leitura, que ganham outra dimensão e emergem integradas no contexto digital, apontando para interessantes perspectivas quanto ao estilo digital de produzir conhecimentos, de elaborar discursos, principalmente, no tocante ao processo interacional e dialógico que essas tecnologias permitem.

“Vivemos o digital, somos o digital, fazemos o digital. Isso faz parte de nós, cidadãos inseridos no mundo contemporâneo”, afirma COSCARELLI (2009, p. 13). Portanto, é dever dos educadores criar formas de utilizar as mais variadas ferramentas que as tecnologias digitais oferecem, com vistas a contribuir para um aprendizado significativo, de modo que práticas educativas colaborativas se fortaleçam.

Dentro dessa perspectiva, o projeto “*Letramento digital: práticas educativas colaborativas*”, tem como foco central investigar as práticas letradas de uma turma de alunos da Escola Estadual Drº Elpídio de Almeida, localizada na cidade de Campina Grande, a qual foi escolhida como ambiente para execução da pesquisa; visa ainda, refletir sobre o letramento digital, compreender os problemas relacionados a esse processo, bem como buscar subsídios para a idealização de práticas condizentes com a realidade dos educandos, de modo que oferecesse a possibilidade de engajar professores, alunos da rede pública de ensino e alunos universitários na produção de formas enunciativas digitais, no sentido de que permitam a descoberta e a reflexão sobre o processo de letramento digital, advindo de práticas letradas da contemporaneidade, em vista das tecnologias disponíveis em algumas escolas públicas.

Neste artigo, encontraremos uma discussão sobre as atividades realizadas durante todo o percurso do projeto e as ricas experiências vivenciadas com os alunos e pelos alunos. Apresentamos, também, os pressupostos teóricos que nortearam a pesquisa, a metodologia adotada, incluindo uma descrição do contexto em que o estudo ocorreu e de seus participantes. Expomos uma discussão sobre as práticas educativas vivenciadas pelos alunos em razão da pesquisa, tendo em vista o uso de blogs como uma das situações educativas que multiplicaram as possibilidades na oferta de realização de atividades que motivaram e animaram os alunos na ampliação da aula. Fazemos uma explanação sobre as práticas digitais dominadas pelos alunos, bem como suas dificuldades durante o processo de construção dos blogs, uma breve discussão acerca da escolha do tema que fundamentou os blogs, e finalmente dos letramentos que se entrelaçaram no processo de investigação do letramento digital.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### Tecnologias digitais: as ferramentas para o letramento digital

Educação, sociedade, cultura, tecnologia e o homem sempre andaram juntos modificando-se mutuamente, dialeticamente. Da invenção da escrita, da imprensa, dos primeiros e enormes computadores até os micros “computadores pessoais” e, porque não, até os *laptops*, nossas casas, nossas vidas e nossos hábitos foram invadidos com uma infinidade diversa de “parafernálias” tecnológicas. É impressionante, mas nossa vida cotidiana tornou-se, cada vez mais, digital e quase sempre nem nos damos conta.

Na Internet, tempo e espaço não têm o mesmo significado que na vida real. Pessoas reais se tornam virtuais e são transformadas em tantas que é impossível contá-las. As pessoas que se interconectam na *Web* constituem o espaço virtual e nele se entrelaçam, ampliando suas potencialidades pela simulação, pela virtualização, diminuindo as distâncias e diversificando os espaços pela imensidão de textos, imagens e sons que podem ser trocados. Esses dados são configurados pela infinidade de *bits* que compõem a rede digital e se multiplicam a cada dia, transformando a vida das pessoas e mostrando que “um único computador ligado à Internet, mesmo que de forma limitada, amplia significativamente [...] as possibilidades de acesso a informação” (BRAGA, 2007, p. 187).

A Internet, no entanto, evolui para uma conexão entre vários aparatos tecnológicos multimídia, como TV, computador e telefone, permitindo cada vez mais, conexões mais velozes e eficientes (por exemplo, a banda larga<sup>3</sup>, onde trafegam bilhões de dados), expandindo-se em um novo cenário de tecnologias convergentes, “designando as novas formas de socialização no meio digital” (ARAÚJO, 2007, p. 16).

As condições de produção *online* se expandem vertiginosamente, multiplicando os relacionamentos e as trocas. Através da Internet, recebemos mensagens, marcamos ou desmarcamos encontros, enviamos textos ou fornecemos instruções, conversamos em tempo real, vamos ao banco, visualizamos imagem, fotos, pesquisamos, fazemos compras. Em resumo, criamos e somos criaturas de um espaço que nos torna digitais. Para Leão (2001, p. 24), essa possibilidade de interconexão infinita “faz da *web* uma teia”, ou seja, “uma rede na qual uma complexa malha de informações que se interligam”.

---

<sup>3</sup> Banda larga ou *broadband* significa acesso rápido à Internet por meio de conexões em *modens* de cabo, linhas telefônicas ou fibra ótica, significando o transporte de alguns *megabits* por segundo.

Quanto à diversidade de usos no aprendizado, o contexto digital<sup>4</sup> destaca-se como um desafio na instauração de situações interativas e colaborativas, ao mesmo tempo em que exige um repensar sobre as práticas pedagógicas, o papel do professor e do aprendiz. Além disso, requer uma reflexão sobre o modo de articular conteúdos e sobre a melhor maneira de otimizar os usos das tecnologias digitais, considerando que a Internet constitui um espaço por excelência discursivo e que “no contexto virtual, a aprendizagem potencializa uma rede de interações, negociação e produção compartilhada de significados” (PRADO e ALMEIDA, 2007, p. 70), abrindo espaço para a construção coletiva do conhecimento e para a inserção de práticas sociais de leitura e de escrita.

De uma maneira geral, mudanças na concepção de linguagem emergem em torno de novos dizeres que, interpretados pela perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin, acentuam a linguagem e os discursos “como produtos sociais postos em circulação social nas interações concretas, emergentes em situações de produção (enunciações) específicas” (ROJO, 1996, p. 287) e que, por isso, “devem ser caracterizadas e levadas em conta, enunciativamente e não mais comunicacionalmente” (ROJO, 2001, p. 172).

Esse modo de abordar a linguagem permite-nos compreender que é fundamental o papel que tem o uso significativo e social da leitura e da escrita, promovendo o que se configura como uma prática de letramento. Nessa direção, os recursos oferecidos pela tecnologia têm proporcionado uma emergência de outra realidade de linguagem, outros formatos de gêneros digitais, designando outras formas de práticas sociais de uso da linguagem, que podem ser reconhecidas como novos modos de letramento, o letramento digital.

Por letramento digital<sup>5</sup>, entendemos a capacidade que tem o indivíduo de responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e a escrita no meio digital. Para interagir de modo eficiente, o usuário necessita dominar uma série de ações específicas próprias desse meio, a maioria delas envolvendo língua escrita. Ser letrado digital representa, assim, a realização de modos de leitura e de escrita em situações que envolvem textos, imagens, sons, códigos variados, num novo formato, em hipertexto, tendo como suporte o contexto digital (ARCOVERDE, 2007).

De acordo com Tavares (2009) “o conceito de letramento passa a incluir habilidades, como: acessar a melhor informação no menor espaço de tempo, avaliar sua credibilidade, identificar e resolver problemas e comunicar a solução encontrada (...), abrange o desenvolvimento do pensar criticamente, permitindo ao leitor comparar documentos, selecionar e sintetizar informações, cujo acesso é praticamente ilimitado na Internet. Além de usar essas informações de forma a influir no espaço ao seu redor, criando soluções e informando suas descobertas, em um ambiente de grande poder de comunicação e interação, representado por e-mail, chats, listas de discussão, entre outros”.

Trata-se, por sua vez, de uma nova forma de usar a linguagem, tendo em vista que o leitor deve seguir “trajetórias de leituras multilineares” (BELLEI, 2002, p. 45) e assumir o “pilotar de palavras”. Pressupõe, assim, que o indivíduo letrado digital deve ter a “capacidade de enxergar além dos limites do código”, pois os textos são digitais e circulam numa tela que, também é digital. A leitura é de um hipertexto que tem uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas” (XAVIER, 2004, p. 171).

Segundo Pereira (2007, p.12), “o ensino não poderia se esquivar dos avanços tecnológicos que se impõem ao nosso cotidiano”. As tecnologias digitais são ferramentas relevantes para a educação que possibilitam uma série de colaborações significativas no árduo processo de ensino-aprendizagem. Sem dúvida alguma, “podemos e devemos usar o computador como meio de comunicação, como fonte de informação, que ajudará os alunos a responder suas perguntas, a levantar novos questionamentos, a desenvolver projetos e a confeccionar diversos produtos” (COSCARELLI, 2007, p. 28).

A escola assume então, a função de proporcionar aos alunos o contato com esse avanço, tendo em vista que os mesmos também são cidadãos dessa sociedade cada vez mais digital. Além do mais, a partir do momento que as escolas permitirem a entrada dessas novas tecnologias como ferramentas facilitadoras no ensino, estarão contribuindo para minimizar o problema da exclusão digital.

Inúmeras pessoas ainda estão excluídas digitalmente, incluindo os alunos da rede pública de ensino. De acordo com Pereira (2007, p. 21), o Brasil está entre os 12 países melhor posicionados em relação à exclusão digital, no entanto, apenas 5% da população utilizam os serviços de rede. É válido destacar ainda, que a Paraíba é o quinto estado da região Nordeste com o pior índice de desigualdade digital<sup>6</sup>, o que mostra a exclusão digital vivenciada em nossa região. Conforme pesquisa do PNAD (2005), apenas 6,9% dos domicílios do estado estão conectados à Internet e, somente, 12,4% dos paraibanos, com 10 anos, ou mais utilizam esses serviços com frequência. O estudo constata ainda que 2 milhões e meio que não usam a Internet (87,6% da população acima dos 10 anos), a maioria (36,1%) não usava pelo fato de não ter acesso a computadores, 29,7% responderam que não usava pelo fato de não saber como usar esse serviço e 3,8%

---

<sup>4</sup> O termo contexto digital é usado neste trabalho para designar experiências sociais, educativas e linguísticas que circulam na Internet.

<sup>5</sup> Podemos entender o letramento como a possibilidade de inserir “o uso de ferramentas variadas num processo mais amplo de letramento digital, viabilizado pela inserção do professor-aluno em práticas digitais letradas (para busca de conhecimento, comunicação à distância, diversão e fruição etc.) efetivas e significativas” (ROJO, et. al., 2006, p. 109).

<sup>6</sup> Segundo dados do PNAD 2005.

por causa dos custos que o serviço exige. Esses dados não só confirmam a existência dos problemas de exclusão digital, mas se revelam como indicadores para a urgente implantação de práticas que potencializem os usos das tecnologias digitais, incorporando sujeitos de classes sociais menos favorecidas a uma cultura eletrônica digital.

Considerando a afirmação feita por Pereira (2007, p. 21), as escolas ainda não se encontram equipadas de computadores o suficiente ligados à Internet, o que dificulta ainda mais a inserção de atividades que envolvam o acesso à rede e a tudo que ela pode proporcionar. Outra questão importante é o fato de que muitas escolas estão bem equipadas com um laboratório de informática montado, no entanto, não possuem professores capacitados para fazer bom uso desses recursos. Como afirma Coscarelli (2007, p. 31), “os professores precisam encarar esse desafio de se preparar para essa nova realidade, aprendendo a lidar com os recursos básicos e planejando formas de usá-los em suas salas de aula”.

A escola precisa se assumir como um espaço, onde educadores em conjunto com os alunos, possam construir conhecimento. Tendo em vista que a sociedade é marcada pelo digital, “novas formas de leitura devem ser consideradas, a fim de que se detone um processo educativo de alfabetização e letramento significativo” (RIBEIRO, 2007, p. 87).

As instituições de ensino de nossa sociedade informatizada devem buscar subsídios para inserir as tecnologias digitais em seu contexto, preparando professores para fazerem usos significativos das mesmas, de modo a propiciar uma maior interatividade entre os alunos e a rede, tendo em vista que “no contexto virtual a aprendizagem potencializa uma rede de interações, negociação e produção compartilhada de significados” (PRADO e ALMEIDA, 2007, p. 70), abrindo espaço para a construção coletiva do conhecimento e possibilitando a inclusão dos mesmos no contexto digital.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Norteados pelo paradigma da pesquisa qualitativa, que segundo André (1995), tem como objeto de estudo a especificidade dos fenômenos sociais e humanos, este estudo buscou compreender o fenômeno do letramento digital numa turma de escola pública da cidade de Campina Grande. Sendo assim, redefinido por uma postura marcada pela observação participativa, os pesquisadores imergiram no contexto investigado e atuaram como agentes de intervenção, tornando possível uma situação efetiva de usos de tecnologias digitais.

O *corpus* analisado foi desenvolvido em consonância com as situações de trabalho desenvolvidas em três distintos momentos da pesquisa (Diagnóstico, Intervenção e Avaliação), iniciadas desde o ano de 2008, na Escola Estadual de Ensino Médio Dr Elpídio de Almeida - Estadual da Prata, localizada na cidade de Campina Grande. Para tanto, utilizamos os seguintes instrumentos: questionários, diários de pesquisa, produção dos alunos (*blogs* e *slides*), além de depoimentos escritos que descrevem a apreciação dos alunos envolvidos no estudo.

As ações previstas para o estudo sobre letramento digital foram desenvolvidas inicialmente numa turma de 1º ano (17 alunos à época). Devido ao fato de termos começado nosso trabalho no final do ano letivo, não houve tempo suficiente para concluir a intervenção, por isso decidimos continuar com a mesma turma sendo que agora eles estariam no 2º ano. Assim, foram participantes 41 alunos do 2º ano do Ensino Médio, da rede pública de ensino, dentre esses, 22 do sexo feminino e 19 do sexo masculino, com idade média entre 16 e 21 anos. Ainda em 2008, coletamos o perfil desses participantes, de modo que pudesse desvelar as práticas letradas digitais que esses alunos vivenciavam, tanto na escola quanto na vida cotidiana. Esse diagnóstico inicial serviu ainda de diretriz para o delineamento de nossa intervenção no processo de letramento digital, tendo em vista que conhecer as necessidades de aprendizagem dos alunos era fundamental, naquele momento, para o planejamento de atividades que provocassem participação ativa, interações sociais, mas que também veiculassem uma experiência educativa de formação ética do cidadão e da cidadã, “já que por trás de qualquer intervenção pedagógica consciente se escondem uma análise sociológica e uma tomada de posição que sempre é ideológica” (ZABALA, 2008, p. 29).

Mediante esse propósito e de posse do perfil da turma decidimos intervir no processo de letramento digital cerceado pela temática da violência, que denominamos de **As muitas caras da violência**. As razões que justificam tal escolha são muitas: frequente reclamação de professores sobre os altos índices de comportamentos violentos de alunos, tema social de grande relevância, além do que e talvez a mais forte, a turma que nos ofereceram era considerada a mais problemática, sendo categorizada de turma em processo de observação pelos setores competentes daquela escola, devido a inúmeros problemas disciplinares.

Nesse contexto, os participantes foram convidados a refletir sobre a violência durante o período de dois meses, a cada dois encontros semanais e perfazendo 45 minutos de cada aula, cedidos gentilmente pela professora de História, que embora tenha sido convidada para participar das atividades, por motivos pessoais, foi impedida. Assim, os trabalhos foram produzidos tanto em sala de aula, quanto no laboratório de informática ou na sala de vídeo da escola e, divididos em grupos, os alunos produziram o gênero *blog* para divulgar, denunciar, apresentar informações sobre diferentes tipos de violências, levando em consideração a diversidade de contextos em que eles acontecem. No âmbito de atuação sobre o processo

de letramento digital, experienciamos diálogos e palestras sobre o tema violência e curso de produção de blogs.

## APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O conjunto de dados foi devidamente categorizado, levando em conta na delimitação do objeto de estudo – letramento digital – um modo de preservar a multiplicidade e a multidimensionalidade dos aspectos que o constitui. Assim, nessa fase da pesquisa classificamos os resultados em quatro grupos: a) Práticas letradas digitais – o que sabem e o que usam os alunos; b) O processo de formação de letramento digital – a produção de blogs; c) A rede de letramentos que se entrelaçam e, por fim, d) Mais do que produzir um blog, uma oportunidade na formação de valores humanos.

### Práticas letradas digitais: o que sabem e o que usam os alunos

O levantamento sobre as práticas letradas digitais fornece informações sobre dois aspectos relevantes para a constituição do letramento digital dos alunos, a saber: o domínio – **o que sabem** - que eles possuem sobre as tecnologias digitais que dão sentido ao que eles podem produzir; e os usos que fazem – **o que usam** -, seja em casa ou na escola, que configuram as possibilidades de explorar o potencial revolucionário das tecnologias na atualidade. O quadro abaixo apresenta um desenho do que foi encontrado.

Quadro 1: Descrição do domínio e uso de tecnologias digitais

O que sabem	O que usam
Pesquisar na Internet, Enviar e receber e-mail, ler/comentar blogs, relacionar, MSN, ouvir/baixar música, assistir vídeos, jogar, estudar, produzir fotolog	Orkut, MSN, google, youtube, sites de música

Podemos considerar que os alunos têm conhecimento dos recursos tecnológicos que permitem que eles sejam reconhecidos como sujeitos de uma cultura eletrônica digital, independente da frequência com que esse uso é feito, bem como do local. As práticas sociais de leitura e de escrita que esses alunos vivenciam congregam o conjunto de capacidades necessárias para que eles desempenhem funções digitais no contexto da internet, pois “quanto maior a participação do sujeito na cultura escrita, maiores serão, entre outras coisas, a realização de leitura autônoma, a convivência com domínios de raciocínio abstrato, a produção de textos para registro, comunicação ou planejamento” (ABREU, 2003, p. 50).

Os dados expõem, entretanto, algumas inconsistências quando comparamos as respostas dadas aos questionários com a realidade vivenciada na escola em nossos contatos com os alunos, por razões que não foram explicitadas, embora durante as atividades tenhamos constatado que nem sempre o letramento dito ser apropriado não pudesse ser mostrado.

A maioria dos alunos afirmou ter um bom domínio do uso do computador e dos recursos da internet, no entanto, inúmeras dificuldades foram reveladas durante as práticas de uso das tecnologias digitais. Não podemos afirmar com precisão os motivos que fizeram com que essa contradição entre a realidade e as respostas ao questionário surgisse, mas, pelo convívio com a turma, notamos que alguns demonstraram muita vergonha em expor, tanto para nós quanto para os demais colegas de classe suas “fragilidades” no que diz respeito às práticas letradas digitais, mostrando no questionário uma realidade diferente daquela que realmente vivem.

Essa constatação, de certo modo, põe sob questionamento o mito de que as crianças e os adolescentes de hoje não precisam de que lhes ensinem como manusear as tecnologias. Evidentemente, talvez, não precisemos. Contudo, é necessário reconhecer uma distinção essencial entre o domínio usual de alguns recursos específicos (localizar, copiar e colar textos) e o processo envolvido nas formas de ser letrado nesse contexto digital (estabelecer relações, *links* hipertextuais mais complexos). Provavelmente, poderíamos imaginar que seria, de forma semelhante, a um aluno que sabe ler (decodifica o alfabeto), mas não produz sentido do que lê, coerente com o que admite os dados do Relatório SAEB/2001 “que apenas 5,35% dos jovens apresentam capacidades de leitura compatíveis com o que seria de se esperar ao término do ensino médio” (ROJO, 2009, p. 34).

Sob essa ótica, é válido esclarecer, pela análise dos dados, é que essas práticas letradas digitais parecem que ainda não são legitimadas pela escola, pelo menos no contexto investigado, como uma prática necessária à formação do aluno, embora percebamos a forte presença das tecnologias na contemporaneidade. Assim, um fato muito importante observado e que se mostrou bastante condizente com a vivência dos alunos na escola é o uso eventual do laboratório de informática. De 17 alunos, questionados

inicialmente, 13 responderam que “eventualmente/de vez em quando”<sup>7</sup> utilizam computador na escola, o que comprova o grande índice da não utilização de práticas letradas em contexto digital por parte dos alunos e também dos professores que não apresentam atividades que possibilitem esse uso.

Inicialmente não entendíamos as razões desse pouco uso, mas, quando iniciamos nossas atividades pudemos constatar que os alunos não frequentavam o laboratório de informática não apenas por não terem atividades que os levassem a fazer uso desse ambiente, mas também por não serem bem recebidos. Em conversa com os alunos, bem como nos depoimentos escritos, todos deixaram bem claro o sentimento de rejeição explicitado pela professora responsável pelo laboratório de informática. Presenciamos diversas situações que fortaleceram a fala dos alunos quando dizia “ela marcou a gente”, “ela trata a gente muito mal”. Por outro lado, segundo a responsável pelo laboratório, os alunos bagunçavam muito, não tinham zelo pelos computadores que, por inúmeras vezes, apareceram quebrados e com vírus, apresentando, assim, várias razões na tentativa de justificar as atitudes excludentes e de apagamento de uma cultura, a digital.

A análise dessa situação recai sobre uma reflexão sobre qual é o papel da escola no processo de letramento digital, tendo em vista que fazer uso das tecnologias digitais requer, antes de tudo, acesso. Além do mais, acesso implica na inserção de práticas digitais não apenas para o uso de tecnologias para o convívio social, o que desse letramento os alunos são autônomos e competentes fora da escola, mas que aprendam a realizar usos e *links* para sua aprendizagem, para valorizar a diversidade de linguagens, para saber lidar com as novas formas de ler e escrever na contemporaneidade, de modo que a escola seja de uma vez por todas

esse universo onde convivem letramentos múltiplos e muito diferenciados, cotidianos e institucionais, valorizados e não valorizados, locais, globais e universais, vernaculares e autônomos, sempre em contato e em conflito sendo alguns rejeitados ou ignorados e apagados e outros constantemente enfatizados (ROJO, 2009, p. 106-107).

Acreditamos que a escola deve implantar políticas que favoreçam os alunos a utilizar aquilo que deve ser de direito deles, de modo que esse uso aconteça de forma agradável, livre e com valor educativo. Os professores devem compreender e aprender a lidar com diferentes situações e, nesse caso, com diferentes personalidades e realidades, criando estratégias que permitam um bom relacionamento entre eles e os alunos e, conseqüentemente, um trabalho prazeroso para ambos. Cabe a escola ainda, a despeito do aparente desinteresse dos alunos, buscar os meios possíveis para que os espaços de letramentos sejam legitimados e preferencialmente requeridos para a instauração de efetivas práticas de letramentos digitais, em que os alunos possam definitivamente mostrar que sabem, mas também, que usam com muito mais frequência e para finalidades diversas, de sociabilidade e educativa.

### **Em pauta o processo de formação de letramento digital: produzindo blogs**

Revestidas do princípio de compreender o fenômeno do letramento digital, mas também de contribuir com uma prática educativa mediada pelas tecnologias e acreditando no potencial daqueles jovens, levamos em consideração as necessidades imediatas daquela turma como uma forma de revitalizar o cotidiano da sala de aula. Assim, decidimos que os alunos construiriam blogs<sup>8</sup>, visando além da apropriação de uma tecnologia uma prática efetiva de escrita que circula no contexto digital. Escolhemos esse gênero digital, primeiramente, por ser relativamente fácil de produzir, dispensando o conhecimento de linguagem de programação *html*<sup>9</sup>, e também pelo fato de ser um gênero muito utilizado atualmente. Segundo a Wikipédia<sup>10</sup>, o motor de buscas de blogs *Technorati* rastreou em dezembro de 2007 a existência de mais de 112 milhões de blogs, comprovando o fato de que essa ferramenta disponível na rede está sendo cada vez mais utilizada, tanto para fins educativos quanto para outras finalidades.

Para dar conta desse processo de letramento digital, tendo em vista que os alunos não conheciam o gênero digital blog, propiciamos um curso e os alunos aprenderam tudo sobre o gênero, desde o conceito, a utilidade e procedimentos passo a passo para sua criação. Foi um momento muito proveitoso que contou com a participação e a atenção de todos os alunos, que ficaram muito entusiasmados com o trabalho que viria pela frente. A perspectiva de usar novas formas de linguagem e a disponibilidade de outros recursos para escrever, que não apenas só utilizando o papel e a caneta pareciam alterar as relações daquela turma com o próprio conhecimento e com a escola, mostrando que

repensar, redefinir e reprojeter a linguagem e o letramento na sala de aula para satisfazer as necessidades dos alunos do século XXI inclui um componente comum: acima de tudo, a sala de

<sup>7</sup> 26 questões foram apresentadas com a finalidade de identificar os usos, frequência, locais e interesses de usos relacionados às práticas sociais de leitura e de escrita. Assim, essa consistia em uma das alternativas possível resposta, dentre: todos os dias, uma vez por semana e nunca uso.

<sup>8</sup> Inicialmente os blogs eram identificados apenas como diários online, pois eram predominantemente sites pessoais. Hoje em dia existem blogs corporativos, blogs de notícias, blogs de música, de vídeo, de fotos etc. Informação disponível em <http://www.wordpress-br.com/novidades/o-que-e-um-blog-movimento-blog-voluntario>.

<sup>9</sup> *HyperText Markup Language*, que significa *Linguagem de Marcação de Hipertext*: utilizada para produzir páginas na Web.

<sup>10</sup> Enciclopédia multilíngue *online* livre e colaborativa.

aula de letramento para o futuro deve envolver a integração efetiva do letramento impresso e o letramento digital (SNYDER, 2009, p. 39).

O *blog* torna-se muito mais interessante e aguça a curiosidade das pessoas para acessá-lo, conforme a temática que aborda. Nesse sentido, o tema escolhido para nossas atividades foi “*As muitas caras da violência*”, cujo *slogan* denominamos de **A violência pode dar lugar à paz**. Dividimos a turma em 5 grupos e cada grupo ficou responsável por um tipo específico de violência: violência sexual, violência contra a mulher, violência física e verbal, violência racial e vandalismo. Com vistas a propiciar um maior envolvimento por parte dos alunos com o assunto, realizamos aula e palestra, resultando numa melhor compreensão e ampliação do conhecimento que tínhamos sobre a temática violência. Nesses encontros, os alunos puderam ler, discutir e esclarecer dúvidas relacionadas aos diferentes tipos de violência.

No laboratório de informática da escola, que foi nosso ambiente de trabalho e intervenção no processo de investigação das práticas letradas digitais dos alunos por meio da construção de blogs, havia mais de 50 computadores “disponíveis”. No entanto, apenas 6 funcionavam em condições medianas, e o acesso à internet em dois dos seis computadores, havia sido restringido por ordem de um técnico que “raramente”, segundo a professora responsável pelo laboratório, vai à escola fazer a manutenção das máquinas. Tal atitude foi tomada devido ao fato de que, conforme informação da responsável pelo laboratório, alguns alunos usam a internet para acessarem sites pornográficos, de relacionamento e não utilizavam com fins educativos.

*“Esses alunos não usam o computador pra estudar não professora (...) já vi vários colocando vírus, entrando em site pra assistir video pornô e pra bater papo no Orkut e MSN.”* (depoimento)

A esse respeito, Rojo (2009, p. 106) verifica que a “proibição de acesso ao Orkut e ao MSN em muitas escolas e universidades conectadas” corrobora com a noção de desvalorização dessas práticas letradas que muitos jovens mantêm fora da escola, fazendo com que essas redes de sociabilidade “permaneçam desconhecidas e apagadas nas escolas”. Nessa perspectiva, nos unimos a tantos outros educadores e questionamos: até quando a escola será instrumento de reforço de exclusão para quem já vive excluído em tantas outras esferas? Por que tantos professores ainda veem a tecnologia como um monstro da modernidade? Por que não buscam conhecer como explorar o potencial delas em sala de aula?

Sem dúvida, a dificuldade de acesso constituiu uma das maiores barreiras que encontramos em nosso trabalho. Eram 6 computadores para 41 alunos ansiosos pela realização das atividades que propomos.

*“Foi muito produtivo, mas foi difícil porque os computadores do laboratório foi insuficiente para o número de alunos”* (depoimento de aluna)

*“Eu gostei muito das aulas, o que atrapalhou um pouco foi a questão de ir ao laboratório, porque não fomos bem recebidos. Eu acho que isso poderia mudar, os alunos deveriam ter acesso ao laboratório.”* (depoimento de aluna)

Os registros acima reforçam a noção de que embora, saibamos que ter acesso à tecnologia não é garantia para oportunidade de aprendizagem de letramento, mas como ter o mínimo se não dispomos de nada? Como provocar aprendizagens, como inserir situações de usos sociais de ler e de escrever se não oportunizamos as condições mínimas para a ocorrência dessas práticas letradas na escola? É válido lembrar que a maioria desses jovens não dispõe de computadores em casa e usam, apenas, em *lan house*, o que implica na aquisição de recursos financeiros nem sempre disponíveis para esse acesso.

Entendíamos das dificuldades que iríamos enfrentar. Entretanto, tínhamos a nosso favor, o fato de que naqueles momentos em que estaríamos na escola eles poderiam manter contato com outras pessoas, realizarem atividades diferentes que os levariam a saírem da rotina e isso era uma possibilidade real de abertura de oportunidades diversas para eles. Assim, pudemos estabelecer o respeito necessário entre todos, o que possibilitou uma interação harmoniosa e amigável. Eles se sentiram confortáveis e participaram com tranquilidade, apesar da notável ausência, nem sempre física, de alguns mais desinteressados.

Dada essa realidade, buscamos compreender o letramento face ao que os alunos mostravam-se capazes de realizar. Não tínhamos a intenção de classificar o conhecimento dos alunos, mas um olhar cuidadoso sobre as práticas letradas que eles apresentavam era importante, pois desvelavam as condições reais de acesso à cultura eletrônica digital a que esses alunos da rede pública de ensino estavam submetidos. Com algumas exceções, observamos que eles possuíam uma prática mínima de letramento digital, pois faziam pouco ou quase nenhum uso social das tecnologias digitais, além do que o ambiente da escola que deveria possibilitar esse uso, segundo os próprios alunos não o fazia. Assim, muitas dificuldades surgiram durante o percurso. Deparamo-nos com alunos que não sabiam criar uma pasta de arquivos, digitar e até mesmo pesquisar na web.

Quando perguntamos quem sabia criar um blog, apenas uma aluna levantou a mão afirmando que sim. De 41 alunos, 40 não sabiam criar blog e no processo de produção descobrimos inúmeras dificuldades no que diz respeito à utilização de recursos mínimos do computador, apresentando uma natureza básica (LEU

et. al.; 2004, apud TAVARES, 2009, p. 142)<sup>11</sup>. Precisamos ressaltar que o processo de letramento em pauta exigia dos alunos diversas ações relacionadas a ler sobre a temática, entender, refletir, realizar julgamentos, selecionar conteúdos na internet para publicar no blog, além de escolher ou criar imagens que pudessem revelar o máximo de informações e comentar o blog dos colegas.

Durante os dias de trabalho, auxiliamos os alunos esclarecendo dúvidas que surgiam. Num desses momentos, uma das alunas pediu ajuda, pois estava com problemas para digitar. Enquanto explicávamos aquilo que estava lhe causando dúvida, a aluna admitiu que sabia apenas ligar o computador:

*"(...) professora, eu não sei fazer outra coisa a não ser ligar o computador e mesmo assim não consigo desligar direito."* (depoimento aluna)

Parece absurdo pensar que um adolescente não saiba sequer ligar ou desligar um computador, mas essa é a nossa realidade. Existem pessoas que nunca tiveram contato com uma máquina. Nesse discurso, percebemos o receio e a vergonha que a aluna teve de expor essa dificuldade, pois os outros colegas desempenhavam tal função com tanta facilidade e ela não. Foi muito satisfatório ver naquela aluna a alegria e o sentimento de quem aprendeu algo extremamente importante para sua vida. Por muitas vezes, notamos que os alunos se sentiam envergonhados diante de suas dificuldades e não ficavam à vontade para pedir ajuda. Em diversos momentos, situações como essas aconteciam, e por estarmos em constante estado de observação, íamos até o aluno para ajudá-lo. Em função dessa realidade, esse dado ganha relevância, principalmente, quando se admite, em diversas áreas que a tecnologia tem sido cada vez mais utilizada e que há inúmeros casos de sucessos das tecnologias da informação e da comunicação na educação. É óbvio que não podemos esquecer que não é em todas as faixas da população que se apropriam das possibilidades quase infinitas do mundo digital.

Entretanto, o que nos surpreende na descrição de nosso estudo, em especial, é que trabalhamos em uma escola equipada de laboratório, mas com uma escassez de máquinas em boas condições de uso para um grande contingente de alunos. Assim, agendamos dias específicos para cada grupo, com a finalidade de intervir mais diretamente quando fosse necessário. Dessa forma, conseguimos identificar com mais precisão as dificuldades dos alunos e contribuir para um melhoramento das práticas de letramento digital, investindo para que os alunos dominassem a tecnologia "para que, além de buscarmos a informação, sejamos capazes de extrair conhecimento" (PEREIRA, 2007, p. 17).

Mesmo diante de todos os contratempos, as atividades foram realizadas com sucesso, apesar de uma série de limitações que, em função do pouco tempo, não puderam ser aperfeiçoadas. Os alunos também puderam contar com a ajuda de outros colegas da classe que apresentavam um domínio maior quanto ao uso do computador, o que mostra a riqueza das possibilidades de envolvê-los em práticas educativas de colaboração, produzindo sentimento de valorização diante da ajuda ao outro. Procuramos, sempre que possível, motivar essa interação entre a turma, bem como o sentimento de sociabilidade, em que cada aluno pode ser "o elo de uma teia de relações, formando um ecossistema, no qual, sozinho não é ninguém. O indivíduo carrega em si um sistema aberto que deve propiciar um trabalho incessante e interativo" (RIBEIRO, 2007, p. 85).

Desse modo, a construção dos blogs foi um momento único, repleto de oportunidades de fazer algo em que os alunos podiam expressar seus sentimentos, e acima de tudo, um momento de aprendizado, não apenas pelo fato de ter sido algo de produção deles, mas também pela possibilidade de aprender sobre um tema tão relevante, que representa socialmente uma espécie de consciência de um problema que pode ser modificado e que, por intermédio do *blog* (ver exemplos nas Figuras 1 e 2), pode conscientizar outros jovens para um fenômeno de dimensão tão séria.

*"(...) aprendi a relevar algumas situações pra não causar briga ou violência, e além disso, contribui para que pudesse aprender o significado do nome violência. O blog também contribuiu para outras pessoas verem o que é violência."* (Depoimento de aluno)

*"Eu particularmente aprendi que onde tem violência todo mundo perde, porque a violência só traz sofrimento, então foi importante esse projeto tanto para nos ajudar a diminuir a violência na escola, como também conscientizar as pessoas, através do nosso blog."* (Depoimento de aluno)

*"Gostei da idéia do blog por que aprendi mais a me interar nos meios da informática. A idéia do blog também foi boa pois os jovens vivem a maioria do tempo na internet, só assim, (com blog) eles podem se informar e não cometer mais essas violências."* (Depoimento de aluno)

---

<sup>11</sup> Leu et. al. (2004, apud TAVARES, 2009, p. 142) propõe três níveis de letramento, no mínimo: o primeiro caracteriza a construção do significado pela integração de ícones, símbolos animados, som, vídeos etc; o segundo, se refere às múltiplas formas de comunicação e acesso à informação; e o terceiro está relacionado à possibilidade de acesso e troca de informações em diferentes contextos culturais e sociais.





Figura 1: Blog sobre violência racial



Figura 2: Blog sobre violência sexual

A avaliação dos Blogs mostra que ainda há muito a ser feito, mas o empenho dos alunos é razão suficiente para termos a certeza de que podemos fazer mais e buscar nos recursos das tecnologias o aliado útil para atividades pedagógicas e de formação de cidadania. Os blogs estão disponíveis na rede nos seguintes endereços:

- Vandalismo: <http://vandalismo2009.blogspot.com/>;
- Violência contra a mulher: <http://violenciacontramulher1.blogspot.com/>
- Violência física e verbal: <http://violenciafv.blogspot.com/>;
- Violência sexual: <http://violenciassexuais1.blogspot.com/>;
- Violência racial: <http://violenciaracial.blogspot.com/>

Outro aspecto que nos chamou a atenção diz respeito ao fato de que essa atividade empolgou os alunos e colaborou de maneira decisiva para a execução de nossas propostas.

*“(...) as aulas ficaram diferentes e nos motiva a ir mais além, a se entregar pelo assunto.”*

*“Gostei muito no jeito que fui tratada durante essas aulas (...)”*

No decorrer do nosso estudo, no entanto, as dificuldades de lidar com a turma foram enormes. A falta de atenção em alguns momentos era muito grande. Mas, mesmo diante de tantas dificuldades, tivemos a oportunidade de descobrir diversos potenciais. Observamos, assim, que parecia faltar algo que os provocassem a ponto de sentirem o desejo de criar, de produzir, algo que os fizessem descobrir e por em prática suas habilidades. A desmotivação e o desinteresse pareciam resultar do mesmo sentimento advindo dos professores para com eles. Era como se eles, como espelhos, apenas refletissem a imagem da visão que os outros tinham deles.

De que forma esses alunos poderiam demonstrar algum interesse, um desejo de aprender, algum esforço se eles não reconheciam isso em seus professores e nos demais funcionários da escola? O que ouvíamos dos funcionários eram afirmações do tipo

*“essa turma dá muito trabalho, não tenho nem gosto de dar aula”*

ou ainda

*“pra quê que uns meninos desses vêm pra escola?”.*

Por outro lado, dos alunos ouvíamos frases do tipo

*“os professores daqui marcam a gente”,*

*“para mim assistir a essa aula é uma violência”.*

E quando interrogamos um aluno quanto ao seu interesse pelas aulas, ele nos respondeu que

*“nem os professores se interessam, porque eu vou me interessar?”*

Embora esse não constituísse o foco de nosso estudo, essa compreensão era necessária, pois era importante conhecer bem os alunos com quem iríamos trabalhar durante um bom tempo. Outrossim, começamos a refletir toda essa situação e a nos questionar: o que está acontecendo na escola? De que forma o ensino tem sido conduzido pelos professores, pois parecem que eles desistiram de seus alunos? O que leva os alunos a desencadearem ações que desmotivam seus professores?

Tais reflexões e questionamentos nos levaram a perceber que a relação de interação entre professor-aluno era quase que inexistente o que afeta negativamente essa complexa relação e que, de certo modo, afeta no processo de aprendizagem, ratificando as conclusões de Zabala (2008, p. 95) quando afirma que a interação é a chave de todo processo educacional e que “os professores devem acreditar sinceramente nas capacidades dos alunos, ganhando a confiança deles a partir do respeito mútuo”, visto que “para aprender, é indispensável que haja um clima e um ambiente adequados, constituídos por um marco de relações em

que predominem a aceitação, a confiança, o respeito mútuo e a sinceridade” (ZABALA, 2008, p. 100), algo que não presenciamos em momento algum entre os alunos e os responsáveis pela escola e que torna ainda mais difícil essa relação, pois o processo educacional não é unidirecional, e sim “bidirecional, pois os sujeitos neles envolvidos influenciam ao mesmo tempo em que estão sendo influenciados” (LECH, 2007, p. 27).

No entanto, em contraposição à falta de atenção em alguns momentos e a indisciplina em outros, havia um certo interesse, curiosidade e vontade de aprender, por isso que insistimos em atuar naquela turma mesmo quando todos se posicionavam de forma negativa quanto a essa decisão. Queríamos fazer algo que pudesse envolver esses alunos de auto-estima baixa e se sentindo desvalorizados em relação ao seu potencial de aprendizagem.

### A rede de letramentos que se entrelaçam

Segundo Tavares (2009, p. 141), a palavra letramentos envolve o “letramento digital, o letramento computacional, o letramento informacional, o letramento visual, o letramento midiático, entre outros. Cada um abrangendo diferentes habilidades para o uso em situações específicas”. Dessa forma, podemos perceber que para o indivíduo letrado digital não basta apenas ter o domínio das técnicas pertinentes ao uso efetivo do computador, é preciso adquirir competências e habilidades para realizar um uso social dessas novas tecnologias digitais.

Ainda de acordo com essa autora, os letramentos não se referem apenas ao uso do computador, “mas abrange competências relacionadas a ler, entender, avaliar e interpretar textos visuais, incluindo imagens, desenhos e os recursos de multimídia, requer a capacidade de selecionar uma informação importante, avaliá-la, usá-la adequadamente e difundi-la, aplicando-a a uma dada situação” (TAVARES, 2009, p. 142).

Em nosso estudo, pudemos testemunhar momentos em que os alunos acionavam diversos letramentos, além de ligar/desligar, acessar a Internet, criar e-mails, registrar senhas, mas também: leitura crítica de textos disponíveis da rede, a escrita de textos nos blogs, leitura de imagens, sons, cores etc. Enfim, a turma foi convidada a fazer um uso social de várias tecnologias.

A elaboração de cartazes para divulgação dos blogs foi realizada no programa *Power Point* com o intuito de propiciar ao alunado um contato mais direto com esse programa já que, segundo eles, nunca tinham presenciado uma aula com a utilização desse recurso. A primeira vez foi quando realizamos a apresentação da proposta e o mini-curso sobre como criar um *blog*. De maneira geral, a turma sentiu dificuldade para utilizar o *Word* e o *Power Point* e consideraram complicado produzir os cartazes de divulgação dos *Blogs*, criar uma nova pasta, sentiam dificuldade para digitar, pois não conheciam o teclado do computador e não conseguiam colocar acento ou uma letra maiúscula e alguns não sabiam criar *e-mails*.

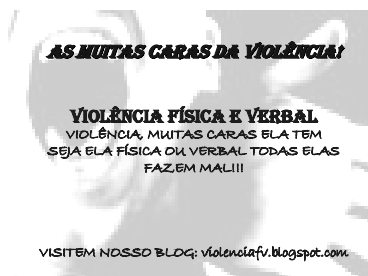


Figura 3: Cartaz produzido pelo grupo “Violência Física e Verbal”



Figura 4: Cartaz produzido pelo grupo “Violência contra a mulher”

#### As muitas caras da Violência

##### Violência Sexual

Violência sexual não é historinha para dormir. Acredite, isso pode ter fim.



VISITE NOSSO BLOG: violenciasexuais1.blogspot.com

Figura 5: Cartaz produzido pelo grupo “Violência Sexual”

Todos esses letramentos se entrelaçaram no processo de investigação do letramento digital e nos fez refletir sobre a importância das práticas de letramentos e a necessidade de valorização destes na escola. Não foi raro verificar que muitos dos alunos diziam não gostar de escrever. Constatamos, assim, as dificuldades apresentadas por eles no momento da leitura e, sobretudo, da escrita de textos, alunos estes que já deveriam ter um bom domínio dessas práticas tendo em vista o fato de que já estão próximos de sair da escola e ingressar em uma universidade.

A escola, como importante agência de letramento, tem o dever de possibilitar aos alunos diversas oportunidades de leitura e escrita de diferentes gêneros e em contextos distintos. Para Rojo (2009) é necessário que a escola reconheça os letramentos diversos e os utilize para ensinar, “de maneira ética, crítica e democrática” e essa é uma exigência do mundo contemporâneo que se depara com novas categorias de letramentos, que podemos chamar de multiletramentos<sup>12</sup>.

Dessa forma, os professores precisam criar estratégias que provoquem nos alunos o desejo de realizar práticas de leitura e de escrita. A escola deve valorizar esses letramentos trazidos por seus alunos ao invés de ignorá-los e torná-los desvalorizados, criando assim, um ambiente onde o aprendizado será satisfatório, pois os alunos aprenderão a ler e escrever em contextos que lhes interessem como foi o nosso caso, que levamos nossa proposta de leitura, escrita e produção de conhecimentos num contexto de grande interesse dos alunos: o contexto digital.

### **As muitas caras da violência X letramento digital: mais do que produzir blog, uma oportunidade na formação de valores humanos**

A violência é um fenômeno tão antigo quanto a existência da humanidade. Contudo, nos últimos anos, temos nos deparado com dados cada vez mais assustadores. Para tanto, basta lembrar de recente pesquisa da UNICEF que “indica que, para adolescentes do sexo masculino, o risco de ser assassinado é 11,9 vezes maior se comparado ao de mulheres na faixa de 12 a 18 anos”<sup>13</sup>.

Em pleno século XXI, diversos negros ainda sofrem com o preconceito racial e são julgados e discriminados pela cor de sua pele; várias mulheres sofrem em silêncio com a violência dentro de casa, são espancadas e, por inúmeras vezes, abusadas sexualmente por seus maridos; diversas pessoas são agredidas fisicamente e muitas vezes chegam até a morrer sem ter condições alguma de se defender. Além da agressão física, mulheres, jovens e crianças sofrem de agressão verbal que atinge o emocional e causa perturbações, que podem levar a vítima a querer se matar ou até mesmo matar alguém. Inúmeras crianças, adolescentes e mulheres são violentadas sexualmente pelo pai, tio, irmão, avô, namorado, marido ou por um homem que nunca viu, sendo submetidas a um trauma que ficará para o resto da vida. Vários museus, casas, prédios comerciais ou residenciais e, principalmente, as escolas sofrem com o vandalismo de jovens que, sem razão aparente, sentem prazer em destruir e depredar, como é o caso das instituições escolares que têm sido destruídas pelos próprios alunos.

A escolha de trabalhar os tipos de violência veio atender, especificamente, esse nosso desejo de contribuir com a formação desses alunos. Era preciso fazer algo mais do que intervir na escola com uma proposta de letramento digital. A importância e a necessidade daquele momento diziam que o melhor investimento educativo devia ser traduzido em práticas efetivas de formação de valores humanos, pois “as habilidades de relacionamento interpessoal devem ser constantemente aprimoradas, afinal um aluno não aprende civismo somente em uma aula, mas em uma escola que pratica justiça, tolerância, equidade e generosidade” (LECH, 2007, p. 31).

Assim, não foi difícil convencer a turma a se interessar pela temática e, rapidamente, eles se envolveram em atividades que o fizeram pensar em suas atitudes, que os provocassem a refletir e analisar criticamente cada um dos tipos de violência, conforme afinidade de cada grupo. Além disso, tivemos aprovação total dos integrantes da escola, como por exemplo, a professora de História e a direção, que avaliaram como excelente iniciativa, tendo em vista a realidade dos alunos, não só na escola, mas fora dela também.

Pensando nesse contexto é que a escolha da temática “Violência” aconteceu, pois era intuito nosso que os alunos escrevessem o que pensam a respeito dessa mazela que a sociedade sofre nos dias de hoje e que, se possível, relatassem as difíceis experiências que porventura tenham vivenciado como foi o caso de uma aluna quem em depoimento nos relatou:

*“Já presenciei uma agressão física no dia do meu aniversário no ano passado, algo que marcou um dia muito especial pra mim, mas que se transformou em um dia inexplicável onde me mostrou que no mundo existe gente muito ignorante que não sabe o que é bom na vida.”*

Como esfera de circulação de discursos, a internet congregou a inesgotável maneira de se fazer uso da linguagem e, por meio dos blogs, os alunos na escola criaram modos de comunicação, formas de uso de linguagens (escrita, imagens, sons, vídeos), como se em cada evento de letramento digital eles pudessem produzir seus discursos para dizer de si, de seu cotidiano, do que sentem e do que compreendem.

---

<sup>12</sup> O termo multiletramentos, conforme Buzato (2007, p. 164) é usado para se referir as “estratégias vistas como necessárias para dar-se conta do aumento da complexidade dos textos (impressos, digitais ou de outra natureza) que circulam nas sociedades contemporâneas.

<sup>13</sup> Reportagem do Jornal “A tarde online”, intitulada “Unicef: jovem negro tem quase três vezes mais risco de ser morto do que branco”. Disponível em <<http://www.atarde.com.br/brasil/noticia.jsf?id=1191619>>. Acesso em: 25/07/2009.

*“Fiquei preocupada com o fato de ta perdendo aula de história e de estarmos super atrasados nos assuntos por causa também de motivos pessoais da professora de história que impediram ela de dar aula. Mas olhando por outro lado, não saímos totalmente prejudicados pois vocês nos deram a oportunidade de conhecer mais sobre a violência e principalmente nos incentivaram a fazer um papel educativo” (depoimento de aluna)*

A produção de *blogs* permitiu a circulação de enunciados marcados por um estilo de vida de cada um de seus enunciadores, mostrando que os usuários da rede podem elaborar seus enunciados e compor a cadeia discursiva, vez que o “discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto” (BAKHTIN, 1975, p. 89) e nessa relação dialógica, o sujeito constituiu seu discurso, uma resposta a outros discursos *já ditos* e *não-ditos*, seja numa situação imediata, seja num contexto mais amplo.

Dessa forma, envolver-se nesse processo pode significar a vivência de uma co-autoria que fortaleceu os laços da sociabilidade, tecendo outras redes de interatividade, tendo em vista que esses alunos, numa atividade, aparentemente, bem simples puderam aparecer como seres humanos que produzem e que se posicionam criticamente diante dos problemas que marcam nossa sociedade. E isso, possivelmente, tornou esses alunos bem “maiores”, ao se sentirem prestigiados por ações afetivas<sup>14</sup>, cujas práticas não são habituados a vivenciar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parece claro que a emergência e as recorrências das práticas sociais no contexto digital exigem a necessidade de buscarmos formas de implementar essas práticas em contextos escolares, visando a um aprendizado em que se destaca a Rede como meio de produção individual e colaborativa de enunciados digitais.

Sabemos, portanto, que a promoção de iniciativas nessa direção pode contribuir sensivelmente para a inclusão digital/social. A questão que colocamos não se reduz a prática de técnicas, mas buscar meios de vivenciar uma cultura digital de caráter irreversível na vida das pessoas, considerando que é papel da escola “preparar o aluno para lidar com situações novas, problematizando, discutindo e tomando decisões” (RIBEIRO, 2007, p. 94), bem como de “ensinar as novas gerações a ler nessa nova realidade” (TAVARES, 2009, p. 138).

Sendo assim, estaremos proporcionando formas de leitura e de escrita, por meio de interação *online* e de situações em que buscamos instaurar o pensamento crítico e criativo, considerando que há “significativa contribuição do letramento digital para o ato de ler e escrever” (OLIVEIRA e SOARES, 2008).

O desafio não é apenas utilizar mais uma tecnologia desse mundo globalizado onde estamos inseridos. É também fazer com que essas tecnologias auxiliem de forma significativa no processo de ensino/aprendizagem, motivando os alunos a participarem da aula, a prestarem atenção no que está sendo exposto, a refletirem criticamente sobre tudo que aprendem. A questionar, buscar novas informações em diferentes ambientes, tornando assim, o fato de terem que estar numa sala de aula todos os dias, menos cansativo, monótono e bem mais prazeroso, já que não estará apenas aprendendo o conteúdo imposto pela escola, mas também aprendendo um recurso novo. Isto além de facilitar no momento da aprendizagem, insere os alunos nesse mundo contemporâneo, deixando-os ciente de tudo que acontece nessa era pós-tipográfica.

Não atentar para essa questão significa reproduzir e reforçar novas práticas de exclusão social para uma população que vivencia outras desigualdades sociais, econômicas, educacionais e culturais. Dessa forma, preparar cidadãos para a inclusão digital/social é o desafio imperativo que se impõe frente ao processo de uma nova sociedade que se instaura.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pela bolsa de Iniciação Científica.

Aos alunos que se dedicaram com carinho e respeitosamente participaram deste estudo.

À professora de História da Estadual Dr. Elpídio de Almeida (Estadual da Prata) que gentilmente cedeu o horário para o desenvolvimento de nossas atividades.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Os números da cultura. In: RIBEIRO, V. M. (Org.) **Letramento no Brasil: Reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003, p. 33-46.  
ARAÚJO, J. C. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

<sup>14</sup> Como ato de reconhecimento e para que fosse mantido os laços afetivos, presentamos cada aluno com uma caneta, gravada com o *slogan* “A violência pode dar lugar à paz”, acompanhada de um cartão de agradecimento, tendo em vista que “o saber ilumina o caminho mas a emoção é que permite que esse seja percorrido” (LECH, 2007, p. 57.)

- ARCOVERDE, R. D de L. Prática de Letramento no ambiente digital. **Revista Língua Escrita**, Rede Escrita, UFMG, v. 2, p. 1-18, 2007.
- ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.
- BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1975.
- BELLEI, S. L. P. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2002.
- BRAGA, D. B. **Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão crítica**. In: ARAÚJO, J. C. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 181-195.
- BUZATO, M. E. K. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. Tese de doutorado IEL – UNICAMP, 2007.
- COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 25-40.
- COSCARELLI, C.V. Linkando as ideias dos textos. In: ARAÚJO, J. C. e DIEB, M. (Orgs.) **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 13-20.
- LEÃO, L. **O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço**. São Paulo, Iluminuras, 2001.
- LECH, Marilise Brockstedt. **Agressão na escola: como entender e lidar com essa questão**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- PRADO, M. E. B. B e ALMEIDA, M. E. B. de. Estratégias em Educação a Distância: a plasticidade na prática pedagógica do professor. In: VALENTE, J. A. e ALMEIDA, M. E. B. **Formação de educadores a distância e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 131-148.
- PEREIRA, J.T. Educação e sociedade da informação. In: COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 13-24).
- OLIVEIRA, A. S. Z. de e SOARES, I. F. A significativa contribuição do letramento digital para o ato de ler e escrever. **Anais do Encontro Nacional de Letramento**, João Pessoa: UFPB, 2008.
- RIBEIRO, A. E. Educação e sociedade da Informação. In: COSCARELLI, C. V. e RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 67-83.
- ROJO, R. H. R, BARBOSA, J. P. e COLLINS, H. Letramento digital: um trabalho a partir dos gêneros do discurso. In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. e BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p.106-130.
- ROJO, R. H. R. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: Brait, B. (Org.) **Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas**. Campinas, SP: Pontes, 2001, p. 163-185.
- \_\_\_\_\_. Perspectivas enunciativo-discursivas em produção de textos. Trabalho apresentado no **IV Congresso de Lingüística Aplicada** e publicado em Anais, Campinas: DLA/IEL/UNICAMP, 1996, p. 285-290.
- \_\_\_\_\_. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SNYDER, I. Ame-os ou deixe-os: navegando no panorama de letramentos em tempos digitais. In: ARAÚJO, J. C. e DIEB, M. (Orgs.) **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 23-46.
- TAVARES, V. M. C. **As novas exigências de letramentos e a construção de um ambiente propício ao ensino da leitura**. In: ARAÚJO, J. C. e DIEB, M. (Orgs.) **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.
- XAVIER, A. C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, L. A e XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.170-180.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2008.